



APORTES PARA EL SINODO

NOTAS PARA UMA IGREJA SINODAL MISSIONÁRIA À LUZ DO JESUS HISTÓRICO E DO SEU DISCIPULADO DE MULHERES E HOMENS

Este subsídio teológico centra-se na primeira parte do “Instrumentum Laboris” para a segunda sessão (outubro de 2024). Antes de mais, reflecte sobre “A unidade como harmonia nas diferenças”, no âmbito da reflexão sobre “Como ser uma Igreja sinodal em missão”. Nesta perspectiva, e tendo em conta os contributos dos estudos históricos de Jesus e do seu movimento de “um discipulado de iguais” (Schüssler, E., 1989), pretende-se dar algumas pistas para pensar esta Igreja que se quer recriar no caminho sinodal. Para isso, darei algumas chaves que ajudarão a refletir para que uma Igreja sinodal seja credível também para as mulheres.

A América Latina é um continente que não consegue esconder a riqueza do ser humano em toda a sua diversidade: as suas cores, os seus sotaques, os seus solos, os seus céus, os seus trajes, as suas terras, etc. Talvez isto nos ajude a compreender que, para Jesus, a riqueza e a diversidade da Galileia não eram estranhas ao Deus em que acreditava. E projectou-a no seu movimento de homens e mulheres que o seguiam pelos caminhos. Neste sentido, contemplar e saber ver Jesus e o seu discipulado pode ajudar-nos a responder “Como podemos ser uma Igreja sinodal em missão? Sobretudo se a Igreja de hoje entender que “a sinodalidade pode ser entendida como o caminho dos cristãos com Cristo e em direção ao Reino” (5).

Uma das particularidades do discipulado de Jesus era a presença de homens e mulheres que seguiam Jesus pelos caminhos e aprendiam com os seus ensinamentos. Sob estas características, deve dizer-se que as mulheres também eram discípulas (Schüssler, E., 1989). Se, ao contrário dos fariseus e dos essénios, Jesus teve mulheres discípulas, há que pensar que, para Jesus, as mulheres também podiam contribuir para o Reino de Deus como realidade iminente e histórica, pois é a isso que ele apela. Para além desta diversidade, há uma outra característica. Jesus é seguido por pessoas de diferentes condições sociais, morais, económicas, etc. E se Jesus os acolheu, viu nisso uma grande riqueza. O processo sinodal pode ser bem alinhado aqui, pois afirma que valorizar a diversidade de contextos e culturas é uma chave para crescer na unidade (11). Portanto, parece claro que a unidade não deve anular a diversidade que somos, quer sejamos mulheres ou homens, indianos ou europeus, do Sul ou do Norte, analfabetos ou académicos, e assim por diante.

E, por uma questão de espaço, menciono mais um elemento. Jesus parece compreender que o reino de Deus é uma tarefa de todos. Prova disso é o facto de Jesus falar não só para que os homens compreendam como contribuir para o Reino de Deus, mas também para as mulheres. Assim, falou de um homem que põe a semente na terra e de uma mulher que põe o fermento na massa. Se é assim, então não pode haver limitação de talentos nem mesmo com base no género, pois o Reino de Deus é para todos os homens e mulheres. Além disso, não há nenhum texto em que se veja Jesus a impor condições ou limites para que as mulheres o sigam e aprendam com ele. Além disso, isto deve ser dado numa verdadeira reciprocidade e deve ser renovado com os tempos, porque é um dom de Deus (13).

E se é dom de Deus dado aos seres humanos, e as mulheres são seres humanos, elas também possuem dons que podem contribuir para pensar a realidade na perspectiva da justiça do Reino. Nesse sentido, como diz Schüssler, E. (2007), o discipulado de Jesus não deve ser proclamado se não for lembrado também como o discipulado das mulheres.